

A base bíblica do Diaconato

A palavra *diácono*, que designa um ofício específico na igreja, vem da palavra grega *δίακονος*. *ΔΙΑΚΟΝΟΣ* foi traduzido para a nossa língua como diácono em Filipenses 1.1 e 1 Timóteo 3.8 e 12, onde os tradutores acharam que o contexto indicava se tratar desse ofício em particular. Ao fazer isso, eles usaram um dos sentidos específicos da palavra grega *δίακονος* que significa, no seu sentido mais básico, “servo” (cf., p. ex., Mt 22.10; Jo 2.5, 9). Nesse sentido, a palavra se aplica a todos os cristãos para definir o relacionamento deles com o Senhor e entre eles mesmos (cf. Mt 20.25-28, Mc 10.42-45; Jo 12.26). A palavra é também usada para se referir àqueles que servem à igreja como líderes, sendo que, nesse caso, a versão inglesa frequentemente traz “ministro”, indicando um sentido ligeiramente mais restrito da palavra grega *δίακονος* (cf. Ef 6.21; Cl 4.7; 1Tm 4.6). Esses oficiais da igreja, ou líderes, são designados por outros termos tais como presbíteros, bispos, supervisores, pastores e mestres. Mas aqueles oficiais cuja função é caracterizada pelo serviço são sempre chamados, no Novo Testamento, apenas pelo termo diácono (servo), usando-se *δίακονος* nesse sentido em especial para designar um oficial específico da igreja.

Essa designação de servo liga esses oficiais com o seu grande exemplo e modelo, Jesus Cristo, o Servo do Senhor. Ele aponta para a sua própria vida de serviço como modelo para os

cristãos quando diz, em Marcos 10.43-45: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir...” Algumas das maneiras pelas quais Jesus serviu foi alimentando as multidões e cuidando dos necessitados. Ele mostrou compaixão especial para com as viúvas e acolheu os pequeninos e os abençoou. Com essas atividades ele cumpriu o que Tiago resume como sendo a essência da religião pura: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações” (Tg 1.27). Ele é o modelo para todos os cristãos e em especial para os diáconos.

Os diáconos são mencionados na carta de Paulo aos Filipenses e na sua primeira carta a Timóteo, como sendo oficiais reconhecidos na igreja. Mas onde e como o ofício de diácono aparece pela primeira vez no Novo Testamento? A resposta a essa questão é encontrada na ação apostólica da instituição de um grupo de homens, separados para assisti-los e terem responsabilidades específicas. Nós lemos sobre essa decisão e seu desfecho em Atos 6, onde os Apóstolos aconselham aos discípulos a escolherem sete homens dentre

eles mesmos para assumirem uma responsabilidade específica.

A justificativa para ver esses sete homens em Atos 6 como os primeiros diáconos está baseada nas seguintes considerações. Primeiro, embora a palavra “diácono” (*δίακονος*) não seja usada na passagem para designar esses sete homens, a tarefa deles, “servir às mesas” (At 6.2), é associada no texto grego a *δίακονειν*, o verbo cognato do substantivo “diácono” (*δίακονος*). E essa relação não é apenas de expressão, mas também de tarefa. A tarefa de servir às mesas é certamente



apropriada para aqueles que mais tarde seriam chamados de servos ou diáconos. Segundo, as responsabilidades específicas dos apóstolos e dos sete homens indicadas em Atos 6 são basicamente idênticas às responsabilidades específicas do presbíteros (ou bispos) e diáconos, conforme consta nas outras

diáconos

passagens do Novo Testamento. E, da mesma maneira como os apóstolos têm ao lado deles os sete homens, também os presbíteros (ou bispos) têm ao lado deles os diáconos (Fp 1.1; 1Tm 3.1-13). Os apóstolos falam do trabalho deles como sendo a Palavra e a oração (At 6.4,5), para não mencionar o de presidir, e a mesma função é atribuída aos presbíteros ou bispos (superintendentes) (cf., p. ex., At 20.28; 1Tm 3.2, 3; Tt 1.9). Os sete homens foram chamados para servir em Atos 6.2 e 3 (δίακονοι) e o mesmo é dito a respeito dos diáconos em 1 Timóteo 3.10 e 13 (δίακονοι). Terceiro, os sete homens deviam ser escolhidos dentre aqueles que manifestavam algumas qualificações espirituais (At 6.3). Os diáconos devem ser escolhidos dentre homens que manifestam qualificações espirituais semelhantes (1Tm 3.8-10, 12). Embora os dois conjuntos de qualificações não sejam idênticos, a lista mais específica em 1 Timóteo 3 poderia facilmente ser vista como as especificações do esboço mais geral de Atos 6. Não há nenhum obstáculo para equiparar os sete homens aos diáconos e muito para recomendar isso.

O trabalho diaconal em vista em Atos 6 foi inicialmente executado pelos apóstolos. Eles o faziam por duas razões. Primeira, o trabalho confiado ao povo de Deus é freqüentemente mais bem executado pela igreja por meio dos seus oficiais ou representantes. Segunda, parece que os apóstolos incluíam como parte da função e do ofício deles as funções e os ofícios rotineiros da igreja, ou seja, os dos presbíteros e dos diáconos. Por analogia, pode-se corretamente presumir que o ofício de presbítero também inclui as funções e o ofício de diácono. Essa pode ter sido a razão pela qual somente presbíteros foram eleitos nas igrejas novas mencionadas em Atos 14.23 e em Tito 1.5ss.

Os apóstolos, entretanto, em Atos 6 decidem que eles não podiam mais

executar a função diaconal de maneira adequada e, especialmente, eles não podiam mais fazê-lo sem prejuízo da função que é a responsabilidade mais importante deles, isto é, o ensino da Palavra de Deus (At 6.2). Assim sendo, o ofício dos primeiros diáconos, os sete homens, é instituído para continuar a satisfazer as necessidades físicas das viúvas, especialmente a necessidade delas de alimento (At 6.1,2), e também, ao mesmo tempo, auxiliar os apóstolos e aliviá-los desse “serviço” (At 6.3; “dessa responsabilidade” – NIV). Esses sete homens, no seu ministério de servir às mesas, faziam isso como homens “de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6.3). Esse relato serve como modelo para determinar o ministério dos diáconos, visto que em nenhum outro lugar nas Escrituras a tarefa deles é especificada. Esse modelo mostra-os realizando um ministério espiritual para com aqueles, de dentro da igreja, que precisavam ter as necessidades básicas da vida providenciadas para eles. Esse é o primeiro e principal princípio que esse relato nos traz. O segundo princípio relacionado é o de prestar assistência aos que presidem e ensinam na igreja, e executar os “serviços” ou “responsabilidades” que devem ser realizados pelos oficiais da igreja, mas que os presbíteros não podem fazer sem prejuízo da função principal sua como pastores espirituais do povo de Deus. Mas esses outros serviços, que podem apropriadamente ser atribuídos aos diáconos, não devem levá-los a negligenciar os serviços específicos do diaconato, ou seja, o ministério de misericórdia para com os necessitados.

Que esses diáconos trabalham em sujeição aos presbíteros e sob a supervisão deles, mesmo na área das finanças e, especificamente, na questão dos fundos para os necessitados, é evidente não apenas a partir do fato de que os presbíteros são chamados a presidirem sobre toda a igreja e todas as suas

organizações e oficiais, incluindo os diáconos, mas também é demonstrado pela passagem específica de Atos 11.27-30. Os fundos enviados a Jerusalém para aliviar a fome foram entregues aos presbíteros (v. 30). Os presbíteros, do mesmo modo que os apóstolos, devem preocupar-se com as vítimas da fome e supervisionar e prover para elas. Assim, os fundos foram entregues aos presbíteros. Porém, como os apóstolos, embora não seja afirmado no texto e não precisa ser afirmado à luz de Atos 6, nós podemos presumir que os presbíteros entregaram essa questão aos diáconos para que fizessem a distribuição de fato.

Pode-se argumentar, a partir da atividade posterior de Estevão e Filipe (At 8.5ss.), que estão listados entre os sete homens de Atos 6 (v. 5), que a atividade deles indica que os diáconos deveriam ser evangelistas, isto é, pregadores. Certamente Filipe, em Atos 8, é um evangelista e ocupou-se com a pregação no sentido mais pleno da palavra. Entretanto, não foi na qualidade de um dos sete homens cujo serviço era servir às mesas para as viúvas em Jerusalém que ele esteve empenhado nessas atividades fora de Jerusalém. Essa distinção e avaliação são apoiadas por Atos 21.8, onde o ministério de Filipe como evangelista é diferenciado do fato de ele ser, ou ter sido, um dos sete homens: “Filipe, o evangelista, que era um dos sete”. Isso é também apoiado pela descrição das atividades especificamente dadas aos sete homens em Atos 6. Eles deviam “servir às mesas” e assistir as viúvas e se empenharem em atividades semelhantes a fim de ajudar os apóstolos para que eles pudessem pregar e ministrar a Palavra. A descrição do serviço dos sete homens em Atos 6 – especialmente quando visto à luz do que os apóstolos deviam fazer em contraste com eles –, define o trabalho diaconal dos sete homens e os diáconos e não inclui o que Filipe faz pos-

diáconos

teriormente. Sua atividade posterior é seu trabalho como evangelista e não como um dos sete homens, e essas duas atividades com as quais Filipe se ocupou, uma depois da outra, não devem ser confundidas uma com outra.

A distinção é também sustentada pela comparação das listas de qualificações para bispos e diáconos em 1 Timóteo 3.1-13. É dito que os bispos (presbíteros) devem ser “aptos para ensinar” (v. 2, cf. Tt 1.9 e há também mais distinções entre presbíteros em 1Tm 5.17) e que eles devem tomar conta da igreja de Deus (v. 5); nenhuma dessas duas coisas é dita a respeito dos diáconos em 1 Timóteo 3.8-13, embora os diáconos e os presbíteros tenham outras qualificações que são comuns ou semelhantes.

Algumas qualificações distintivas dos diáconos indicadas em 1 Timóteo 3.8-13 bem podem ajudar a salientar as relações interpessoais sensíveis e importantes nas quais os diáconos se encontram envolvidos enquanto ministram aos necessitados. Eles mesmos não estabeleceriam a área de trabalho, como Atos 6 o faz explicitamente, mas no plano de fundo dessa passagem o significado e a importância deles são mais prontamente reconhecidos.

A referência a mulheres ou esposas em 1 Timóteo 3.11 é colocada no meio de uma passagem que descreve como homens aqueles a quem a designação de diácono (διακονος) é aplicada (cf. vs. 8 e 12; nessa segunda passagem o diácono é dito ser o marido). Quem seriam essas mulheres mencionadas no versículo 11? Muitas respostas têm sido dadas, mas, devido à brevidade deste artigo, vou restringir estes comentários à resposta que eu considero estar

mais em harmonia com o contexto bíblico aqui e em outras partes. A palavra grega γυνή (no plural) que é traduzida como “esposas” pela NIV, e que é traduzida como “mulheres” em outras versões, pode significar qualquer das duas dependendo do contexto. Seu uso no contexto muito restrito dos versículos 2 e 12, com o significado de esposa, favorece o significado de esposa aqui. Essa tradução também explica outros aspectos do versículo 11. Se de fato a esposa está em ques-



tão, como eu creio que esteja, isso explicaria a posição do versículo no meio de uma discussão do diaconato e bem antes da sentença sobre suas qualificações maritais e familiares. Essa sentença sobre sua esposa é então a primeira dessas sentenças familiares e, portanto, não é uma intromissão. Além do mais, a referência à sua esposa pode ser mais bem explicada pela ausência de referência à fidelidade marital pela esposa que de outro modo sempre aparece (cf. 1Tm 3.2, 12 e 5.9). A palavra grega transicional ωσαυτως – traduzida na NIV pela expressão “da mesma maneira” –, tanto distingue quanto correlaciona esse versículo e aquele a que se refere, do diácono e com ele. O aspecto diferenciador mostra que a esposa não é um diácono ou uma diaconisa, e o aspec-

to correlato mostra que ela é uma pessoa com qualificações semelhantes e, assim, é qualificada para auxiliar seu marido. A igreja hoje devia dar atenção a ambos os aspectos desse versículo e agir de acordo. À luz dessa passagem e à luz do fato de os apóstolos especificamente terem requerido que a igreja elegeisse “homens” em Atos 6.3 (como eles fizeram, em At 6.5; a palavra grega ανηρ usada em At 6.3 designa um “macho” e é diferente da palavra grega ανθρωπος que significa ser

humano), é melhor entender o uso do termo διακονος com referência a Febe em Romanos 16.1, como sendo empregado no mesmo sentido geral de servo, como usado na única referência em Romanos (13.4ss) e não como uma designação de Febe, como um diácono ou diaconisa (esse sentido geral de servo é encontrado em muitas traduções modernas). 1 Timóteo 3 aplica o título de diácono a um oficial

homem (vs. 2 e 12). A consistência entre Atos 6 e 1 Timóteo 3 fornece base bíblica para os diáconos serem homens.

Que consolo e encorajamento há para os diáconos na realização de suas tarefas de serviço aos necessitados e de assistência aos presbíteros? Muitos poderiam ser mencionados, mas um é suficiente, aquele do próprio apóstolo Paulo em 1 Timóteo 3.13: “... os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus”. ☛

O Dr. George W. Knight III é pastor e foi professor de estudos do Novo Testamento no Covenant, Knox e Greenville Theological Seminaries.

Adaptado de *Ordained Servant*, vol. 5, nº 3 (junho, 1996)